

A UFF É PRA LUTAR: BREVE ENSAIO DE UMA OCUPAÇÃO

BRIEF ESSAY OF AN OCCUPATION POLICY RECTORY

Ellen Fernanda Natalino Araujo*

Cite este artigo: ARAUJO, Ellen Fernanda Natalino. A UFF é pra lutar: breve ensaio de uma ocupação. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais-IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.08-21, Dezembro. 2012. Semestral. Disponível em: < www.habitus.ifcs.ufrj.br >. Acesso em: 30 de Dezembro. 2012.

Resumo: Este artigo enfatiza o episódio de *ocupação* da reitoria da Universidade Federal Fluminense – ocorrido durante seis dias entre os meses de agosto e setembro de 2011 – com o objetivo de evidenciar o caráter múltiplo, heterogêneo, conflituoso e tensional interno e inerente ao movimento estudantil contemporâneo. A narrativa, que não se desencadeia de uma maneira cronológica, e sim a partir dos *gritos de ordem* evocados pelos estudantes, busca demonstrar as disputas que se desenrolam no campo simbólico e material e que resultam na *ampliação* da identidade do movimento.

Abstract: This article emphasizes the occupation policy of the rectory of Universidade Federal Fluminense - occurred six days of the months of August and September 2011 - with the aim of showing the character multiple, heterogeneous and conflicting internal and inherent in the contemporary student movement. The narrative, which does not trigger a chronological way, but from the screams of order raised by students, seeks to demonstrate the disputes that take place in symbolic and material field and result in the expansion of the identity of the movement.

Palavras-chave: movimento estudantil; ocupação; identidade.

Keywords: student movement; occupation policy; identity

1. Introdução

O breve relato que segue discorre sobre o episódio de *ocupação* da reitoria da Universidade Federal Fluminense (UFF) levado a cabo por estudantes da instituição entre os dias 31 de agosto e 06 de setembro de 2011. O objetivo é estudar, *em movimento*, o tema do movimento estudantil focalizando seus diversos atores e práticas. Entendendo este movimento como uma categoria de movimento social, mobilizamos, nessa análise, as teorias europeias dos *Novos Movimentos Sociais* a partir do trabalho de Alberto Melucci (2001).

A narrativa da *ocupação* aqui empreendida não pretende dar conta dos acontecimentos de maneira cronológica e pormenorizada. Os fatos importam na medida em que chamam a atenção para algum ponto da análise que se pretende efetuar. A linearidade dos instantes e outros possíveis detalhes podem ser encontrados nos relatos que os próprios estudantes produziram e publicaram em vídeos [1], blogs [2] e panfletos. Por essa opção metodológica, fomos obrigados a pensar em uma forma de organização do relato diferente daquela orientada pela categoria do tempo. Buscamos assim outra categoria a partir da qual o episódio e o texto pudessem adquirir sentido.

Com essa proposta, encadeamos a análise através de quatro subtítulos que representam os *gritos de ordem* evocados por estudantes durante o episódio. A escolha por essa organização, consubstanciou-se no fato de que esses gritos já revelam diversas dimensões daquela ação empreendida pelo movimento e, por isso, evocam pressupostos que orientam este estudo. Isso porque, além de explicitarem as demandas e as razões para o ato, as pequenas frases ritmadas revelam também as condições sob as quais o evento se desenvolve, enunciando necessidades e desafios. Ademais, em nível interno, os *gritos* figuram como momentos de agregação dos distintos atores envolvidos e operam como mecanismos pontuais através dos quais se constrói, pelo menos por um instante, a unidade identitária do movimento.

Ainda em um caráter introdutório, faz-se necessário pontuar que as informações e dados sobre o episódio foram coletados de fontes distintas: estivemos presentes na ocupação da reitoria durante vários dias, tendo, inclusive, dormido lá por uma noite, e consultamos, na composição desta pesquisa, vídeos produzidos pelos próprios estudantes, postagens contidas no blog publicado por eles, reportagens jornalísticas veiculadas por diversos órgãos da mídia e notas oficiais publicadas pela assessoria de imprensa da UFF, além de termos realizado entrevistas, posteriormente, com pessoas que participaram ou se relacionaram, de alguma maneira, com o evento.

2. Olê Olê, Olê Olá, Olê Olê, Olê Olá, a via Orla não vai passar, a UFF, a UFF, a UFF é pra lutar!

Vindos do Instituto de Geociência, localizado no campus da Praia Vermelha [3], pela rua eles caminhavam em direção à reitoria. Pela rua (e não pelo “calçadão da praia de Icaraí”), os estudantes iam em passeata, alguns pintados, alguns enfeitados com nariz de palhaço, adesivados, carregando faixas e bandeiras, bicicletas e colchonetes, megafones e microfones, gritando *palavras de ordem*, cantando, suando, indo. Caminhantes, corredores, pescadores, banhistas, jovens, idosos e crianças com suas babás uniformizadas (a sociedade niteroiense que ali se costuma ver) assistem à cena que culmina na ocupação da reitoria da Universidade Federal Fluminense. Assistem como quem espanta um borrão de tinta na beleza do *status quo* que admiram: o sol, o Rio, o Cristo, o mar. Da multidão, um guarda municipal apitava aos carros para que desviassem. Outro dançava ao som da polifonia. Não só o trânsito se invertia, mas também a rotina daquela paisagem ensolarada da manhã de 31 de agosto de 2011.

Ao se aproximarem da reitoria, cessaram a caminhada ao comando dado: abaixar, cantar e correr em direção ao prédio. Entoando o *grito de ordem*: “Olê olê, olê olá! Olê olê, olê olá! A via orla não vai passar, a UFF, a UFF, a UFF é pra lutar!” – os cerca de quinhentos [4] estudantes entraram juntos e *ocuparam* o edifício que abriga os principais departamentos administrativos da Universidade. Do hall de entrada, prosseguiram pelos pavimentos até chegarem ao andar que abriga o gabinete do reitor. O objetivo era o de entregar *reivindicações* a Roberto Salles [5], já que o mesmo não havia comparecido à reunião do Conselho Universitário [6]- a qual acontecera naquela mesma manhã, presidida pelo sub-reitor Sidney Mello. Na ausência repetida de Salles, foi o mesmo Sidnei que os recebeu e tentou dissuadi-los daquela *invasão*. Mas a tentativa foi em vão.

Instalaram-se, pois, os estudantes. E no chão frio de mármore, sentaram-se no saguão de entrada do prédio e realizaram a primeira reunião oficial, em formato de *assembleia*, da *ocupação* – cujo nome escolhido foi *Maria Clemilda e Manuel Gutierrez* [7]. Além da nomeação, decidiram naquela primeira *assembleia* aspectos organizativos do *espaço* e do *movimento*. A partir das necessidades apontadas pelos participantes que se manifestavam, definiram-se cinco eixos primordiais de organização, para os quais foram compostas comissões: a de *Estrutura*; a de *Comunicação*; a de *Segurança*; a de *Mobilização*; e a de *Negociação*.

Assim, portanto, começou a *ocupação* que havia sido planejada desde o mês de julho, quando o CUV aprovou preliminarmente a criação da Via Orla. Assim, portanto, teve início o episódio que os estudantes denominaram como *ocupação* do prédio da reitoria e a Reitoria tratou como *invasão* dos estudantes. Essa diferença na nomeação – muitas vezes nem percebida – revela já é em si uma dimensão importante da disputa apontada pelo teórico italiano Alberto Melucci (2001) *et al.* – qual seja a dimensão que se desenrola, nas *sociedades complexas*, no campo da constituição de signos, significados e sentidos das ações e pensamentos humanos. Na argumentação do autor, essas *sociedades complexas* (ou “de capitalismo maduro, pós-industriais, pós-materiais” [8]) se diferenciam porque nelas a *produção* tem seu status ampliado: produzir não é mais (ou não é apenas) transformar “recursos naturais e humanos em mercadorias para a troca”. Produção significa “controlar sistemas complexos de informações, de símbolos, de relações sociais”. Diferenciação esta que transforma o mercado em um “sistema no qual se intercambiam símbolos.” (Melucci, 2001: 80). Assim, os sistemas complexos atuais são vistos como que atravessados em todas as suas dimensões pelas representações culturais e simbólicas. Isso implica que a coesão e o controle sociais são mantidos através de mecanismos que se respaldam muito menos na coerção física que no controle de aparatos capazes de impor aos indivíduos identidade e sentido através dos quais eles percebem e orientam suas ações no mundo.

No interior dessas sociedades transformadas, os movimentos sociais alargam os limites de suas demandas e passam a agir com foco não apenas em recursos materiais. Suas ambições dirigem-se para a possibilidade e a capacidade de construir autonomamente suas identidades coletivas e o sentido das ações que empreendem. Sob essa perspectiva, a distinção léxica entre as nomeações (*invasão* x *ocupação*) assume a forma de uma contenda simbólica entre a reitoria e

os estudantes. A direção da universidade mobilizava seus aparatos para imputar àquela ação estudantil um caráter de ilegalidade, divulgando diversos comunicados, em seu site oficial, nos quais identificava os alunos como “invasores”, “violadores do interesse público”, e “desrespeitosos do outro e do patrimônio”. Por sua vez, os estudantes produziam diversos materiais impressos e midiáticos (que faziam circular na internet e nas ruas), gritavam e adornavam faixas, nos e nas quais se representavam enquanto contestadores legítimos daquela ordem institucional que lhes era imposta. Nos e nas quais disputavam com a reitoria o controle pela produção de sentido sob aquela ação.

Em outra dimensão, havia certamente também uma disputa por recursos propriamente materiais. Eram variadas as demandas que os estudantes determinavam ser atendidas como requisito para deixar o prédio. Através de uma extensa carta, explicitaram suas reivindicações em vinte e um itens, sendo a maioria destes concernentes a questões estritamente da rotina universitária. Criticavam o que chamavam de precarização da Universidade, que era encarado, pelos estudantes, como resultado do projeto de expansão pelo qual a UFF passa desde o ano de 2007, quando aderiu ao REUNI [9]. Pleiteavam a aceleração das diversas obras realizadas nos campi; a conclusão e a ampliação da moradia estudantil; a criação de restaurantes universitários nos diversos polos e a contratação de docentes, entre outras medidas. Exigiam também o fim dos cursos pagos [10] e a ampliação do diálogo com a comunidade acadêmica, com realização de audiências públicas.

Todas essas demandas já compunham a pauta reivindicativa dos alunos da UFF. Contudo, as estratégias empreendidas para executá-las e a pressão exercida sob os dirigentes da universidade assumiram, em momentos anteriores, formas distintas dessa que agora levavam a cabo. Havia uma especificidade conjuntural provocadora daquela *ocupação* e que ampliava o escopo *normativo* – expressão de Foracchi (1972) que caracteriza as ações estudantis orientadas em vista apenas dos problemas circunscritos à instituição universitária – da mobilização, para um escopo também *valorativo*, aquele que surge quando o “problema envolve mais do que uma reivindicação circunscrita e ultrapassa os limites institucionais, suscitando a postulação de um valor”, deslocando “a ação do grupo para o sistema [e revestindo-a] de conotação política e ideológica” (Foracchi, 1972:76). Essa especificidade conjuntural, que se constituiu como que um estopim para a *ocupação*, pode ser encontrada no projeto de uma via: a Via Orla – empreendimento que prevê a criação de uma rodovia partindo do Centro da cidade de Niterói, e avançando por 9,4 mil m² do Campus do Gragoatá da UFF. Por um acordo entre o reitor Roberto Salles e o prefeito Roberto da Silveira, a área ocupada pela via seria cedida à Prefeitura de Niterói em troca de espaços internos à universidade que pertencem ao município, e também de obras de urbanização nos *campi*.

Diferentes foram as razões apresentadas pelos estudantes para se opor à criação da via. Em um âmbito mais *normativo* os estudantes alegavam que a circulação livre de veículos por dentro do campus iria trazer diversos inconvenientes à rotina do espaço como aqueles representados pela poluição sonora e pela (falta de) segurança. Por uma dimensão mais *valorativa*, os alunos justificavam a oposição à Via Orla por entenderem que esta faria parte de

um projeto de valorização dos bairros no entorno do Gragoatá, do qual só se beneficiariam representantes da Prefeitura de Niterói, donos de empresas incorporadas e proprietários de imóveis contíguos. Assim, dirigiam suas críticas ao processo de especulação imobiliária em curso na cidade e contestavam desigualdades sistêmicas geradas, na visão deles, pela estrutura capitalista vigente. Por esse posicionamento, que alargava o quadro de reivindicações propriamente discentes, os estudantes constituíam-se em contestadores não só de uma ordem acadêmica, mas também da ordem social.

3. Quem apoia, dá buzina!

Havia ritmo e objetivo nessa frase que os estudantes cantavam para os motoristas parados no sinal de trânsito em frente à reitoria. Se enquadrar a sonoridade em um estilo musical é tarefa quase impossível, definir a intenção do canto é das mais óbvias: buscavam os estudantes apoio da população de Niterói à ação política que empreendiam. Além dessa frase cantada que evocavam todas as vezes que o sinal ficava vermelho, diversas mobilizações foram articuladas para explicitar ao restante da sociedade as motivações que os faziam ocupar a reitoria da UFF. Aproveitaram a manhã de sábado – dia em que o calçadão de Icaraí fica repleto das famílias niteroienses – e promoveram diversos atos pelas ruas, saindo em passeata e distribuindo panfletos.

Produzir uma imagem positiva sobre aquela *ocupação* era responder à Universidade, que adotava uma campanha de deslegitimação daquele movimento, principalmente através das notas veiculadas em seu site oficial. Diversas matérias jornalísticas (publicadas principalmente no jornal niteroiense O Fluminense - de maior circulação na cidade) assumiam o ponto de vista da Reitoria.

Os estudantes pensavam ainda que era fundamental aproximar-se da comunidade localizada no entorno do prédio da reitoria – a qual estava sendo diretamente afetada por uma nova dinâmica, com sucessivas *assembleias* e manifestações culturais (como rodas de samba e capoeira, por exemplo). Na segunda noite da *ocupação*, por exemplo, um dos moradores de um edifício vizinho compareceu à reitoria e se pronunciou durante a assembleia para narrar o incômodo gerado pelo barulho que estava sendo feito e pedir moderação aos estudantes.

Outras estratégias também foram pensadas visando à adesão dos demais alunos da UFF. Os componentes da *comissão de mobilização* passavam diariamente nas salas de aula convocando estudantes e professores para ocupar a reitoria. Apesar do esforço, na noite que foi considerada o clímax da *ocupação* – quando a tropa de choque da Polícia Militar recuou diante da quantidade expressiva de pessoas que chegavam juntas ao prédio, no dia 05 de setembro de 2011 – não mais que 1.000 alunos, dos 32.483 que compõe o quadro de discentes da graduação da UFF, foram contabilizados naquele momento crucial.

4. Chegou água? Chegou luz? Não! Olha, olha, olha, olha, o reitor do mal, o reitor do mal... Na reitoria, tortura virou normal!

Ainda no primeiro dia da *ocupação*, interrompeu-se o fornecimento de água e luz de todas as dependências do prédio. O problema – alegado de caráter técnico, pelos representantes da UFF – foi tomado pelos estudantes como um boicote e uma intenção política clara da Reitoria: se quisessem ficar ali teriam de permanecer sem poder utilizar regularmente os banheiros, bebedouros, elevadores, computadores e demais insumos ou equipamentos.

Contudo, a privação desses recursos estruturais/sanitários/logísticos foi superada, ou amenizada, a partir do apoio que os estudantes receberam de organizações não estudantis, como os sindicatos SINTUFF (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal Fluminense), ADUFF (Associação dos Docentes da UFF), SEPE/RJ (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro) e Sindpetro/RJ (Sindicato dos Petroleiros do Estado do Rio de Janeiro). Foram fornecidos um gerador de luz (onde se ligaram lâmpadas, microfones, computadores, etc.); refeições diárias para almoço e jantar (em formato de quentinhas), galões de água, material para divulgação, produtos de higiene pessoal, barracas de acampamento e assessoria jurídica, entre outros. Essa parceria desenvolvida corrobora na prática a importância – vislumbrada pelos teóricos dos movimentos sociais – da tessitura de *redes* de relacionamento entre os movimentos e demais entidades associativas. *Redes* estas caracterizadas por Scherer-Warren (2006: 4) como “uma comunidade de sentido que visa a algum tipo de transformação social e que agrega atores coletivos diversificados, constitutivos do campo da sociedade civil organizada”.

Pela rede tecida, reuniram-se naquela *ocupação* estudantes e trabalhadores da área da educação (em sua maioria) e do setor petrolífero. Os primeiros, obviamente, compartilhavam com os estudantes projetos de transformação mais próximos e comuns, ou seja, ligavam-se por reivindicações remetidas ao campo educacional e possuíam os mesmos opositores- naquele caso, a Reitoria da UFF, mas podendo ser também, por exemplo, outras instituições de políticas educacionais ou unidades de ensino. Essa proximidade identitária entre os grupos estudantis e sindicais de educação (entendida, é bom ressaltar, como um compartilhamento de ideais e sentidos remetidos às ações) era desvelada e reforçada pelos gritos estudantis que clamavam “Apoio a greve dos servidores!”; pelas recorrentes falas e participações dos servidores técnicos da universidade e professores nas *assembleias*; pela inclusão na pauta de reivindicações de um ponto referente à greve dos servidores que ocorria já há dois meses; e pelo maciço apoio material fornecido (com o provisionamento dos insumos já indicados acima).

Apesar de essencial à viabilização material da *ocupação*, o princípio articulatório subjacente produzia como resultado a possibilidade (pela reunião de distintos atores políticos) de apropriação daquele *momento de visibilidade* por grupos outros que não os dos estudantes, colocando em foco questões outras que não as estudantis. Talvez porque levassem em conta essa possibilidade, os estudantes evitavam remeter aquela *ocupação* à identidade de algum grupo e, mesmo sem terem conseguido impedir a prática, desestimulavam o afixamento de bandeiras e insígnias nos arredores da reitoria.

Apesar do vereador Renatinho (PSOL/ Niterói) ter se constituído como figura presente nas *assembleias* e em diversos outros momentos da, os estudantes evitaram explicitar as

relações que possuíam com os partidos políticos, não só porque poderia haver uma apropriação daquele *momento de visibilidade*, mas também porque as relações partidárias são encaradas como supressoras da *autonomia* estudantil – remetidas assim a interesses de um grupo institucionalizado. Sobre essa relação conflituosa nos informa o trabalho de Mesquita (2001), autor que aponta o aparelhamento das entidades estudantis (resultado da relação estabelecida com os partidos políticos) como um dos fatores preponderantes para o distanciamento dos estudantes de sua entidade representativa clássica, a UNE. Os estudos de Lins (2011:12) apontam para “o desgaste da representação política estudantil pela via partidária com a consequente defesa da autonomia e independência em face dos meandros partidários e do aparelho estatal por parte dos estudantes.”

5. Nas praças, nas ruas, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil!

Ali estava presente o movimento estudantil. Mas não um movimento indiferenciado que o grito evocava. Diversos grupos distintos, organizados sob as mais variadas formas, compunham, pensavam, e realizavam aquela *ocupação*. Havia os representantes do *movimento estudantil “clássico”* [aquele que Mesquita (2001) caracteriza por ser organizado por entidades centrais como DCE, DA’s e CA’s]; havia os *coletivos* (grupo que se reúne sob a mesma denominação, unifica-se pelos mesmos objetivos e agrega estudantes de variados cursos); e havia os que denominamos aqui como *independentes* para dar conta daqueles estudantes que não se ligam a entidades centrais nem a *coletivos*. Se a observação dos pronunciamentos, posições e ações levadas a cabo durante os dias da *ocupação* já poderia informar acerca dessas diferenciações, todos os entrevistados, que participaram daquele momento, ressaltaram o caráter múltiplo, heterogêneo, conflituoso e tensional subjacente àquele movimento.

Esse caráter se tornava mais visível durante a realização das *assembleias*. Organizadas a partir da formação de uma *mesa* (a qual, alegavam, poderia ser integrada por todos aqueles que se dispusessem) essas *assembleias* constituíam-se em espaços deliberativos principais e oficiais e adotavam mecanismo *de inscrição de falas*, as quais deviam ser enunciadas acerca do tema em pauta, durante um tempo determinado (tempo este que era controlado pelos integrantes da *mesa*, aos quais cabiam também as funções de anotar os pontos debatidos e encaminhar as votações).

As *falas e réplicas* pronunciadas durante as *assembleias*, muitas vezes de maneira enfática, deixavam emergir a principal oposição (que um grito uníssono oculta) existente na constituição daquele *movimento*. Mesmo cômicos que pontuar a existência de dois polos resulta sempre no escamotear de pormenores, prosseguimos, aceitando o risco, e estabelecemos que dois grupos polarizaram as contendas internas: de um lado, posicionaram-se representantes das entidades centrais *clássicas* juntamente com integrantes de alguns *coletivos*; e, de outro, um conjunto denominado MAD (Movimento Ação Direta).

Antes de explicitar as diferenças que os confrontavam, é necessário esclarecer que as divergências não eram referidas ao *ideário* do movimento. Assim como Mesquita (2001) já

havia apontado em seu estudo acerca dos diferentes grupos que compõe e disputam o movimento estudantil brasileiro na contemporaneidade, as distinções entre os atores daquela *ocupação* remetiam-se mais à *forma* idealizada e impressa ao *fazer político* do que aos objetivos, sonhos e esperanças que incitam esse *fazer*. Porque gritaram juntos, porque dormiram nos mesmos espaços, porque dividiram as quentinhas, os colchonetes, os banheiros improvisados, o gramado e o chão de mármore, ou porque simplesmente estavam juntos sob o mesmo teto de gesso, pode-se sustentar que havia entre eles algo mais do que diferenças. Os dois grupos compartilhavam um descontentamento quanto ao projeto de universidade operado e encarnado pelo reitor Roberto Salles. Mas disputavam a maneira como esse descontentamento seria explicitado, materializado e levado a cabo.

O primeiro grupo que denominaremos aqui, arbitrariamente, como *clássico* [11], caracterizava-se, primordialmente, por uma orientação mais normativa, considerando legítimos os mecanismos operacionais comuns ao sistema democrático. Isto é, admitiam como válidos, por exemplo, o artifício democraticamente ordinário da *representação* e da *delegação*. Uma demonstração dessa conduta normativa pode ser explicitada no fato de um dos integrantes deste grupo clássico ter sugerido a criação de uma comissão de negociação - delegando assim a representantes poder de deliberação - mediante o posicionamento da direção da universidade de só negociar com um grupo reduzido de estudantes, em um espaço diferente do da reitoria.

Já o segundo grupo, autodenominado MAD, diferenciava-se por uma orientação política de viés mais radicalizado. Eram representados por seus opositores pela alcunha de *anarquas*. Essa denominação que remete a um sistema que não aquele o da democracia, o anarquismo, surge em virtude de possuírem, esse segundo grupo, uma orientação inspirada em ideais *supra democráticos*. Imbuídos dessa perspectiva, eles defendiam o mecanismo da auto representação, e, em consequência, se opuseram veementemente à organização da *comissão* de negociação tratada acima (apesar de um de seus integrantes ter participado da reunião realizada com o reitor na manhã de 06 de setembro na sede do SINTUFF). Outro momento que explicita essa conduta mais radicalizada pode ser vislumbrado durante a realização da última *assembleia*. Nesta reunião - que culminou na saída dos estudantes do prédio (na tarde de 06 de setembro) - vários integrantes do MAD insistiram acintosamente para que todos os *inscritos* fossem escutados (tivessem assim o direito de se auto representar), antes que se deliberasse quanto ao desfecho da *ocupação*.

Os gritos altos e inflamados, talvez porque ressoado em poucas vozes (já que era grande a diferença numérica entre os integrantes do grupo *clássico* e o do MAD) não foram capazes de manter aquela última *assembleia*. Em clima de tensão – provocado tanto pelas disputas internas (quase físicas!) quanto pela imagem do Batalhão de Choque da Polícia Militar que já estava posicionado, em prontidão, no Calçadão de Icarai, na frente da reitoria – os estudantes decidiram pela saída pacífica do prédio. Decidiram porque, a maioria ali presente, avaliou ser suficiente a promessa firmada pelo reitor (na reunião que ocorrera, entre ele e a *comissão* de negociação, na manhã daquela mesma terça-feira) de cumprir todas as reivindicações que lhe foram apresentadas, entre elas, a de não acionar a polícia antes que os estudantes pudessem

realizar uma última *assembleia* naquele espaço. Saíram com o sentimento de vitória mesmo que poucas horas findada a *reunião das promessas*, o reitor houvesse descumprido a primeira delas.

Mesmo conturbada e curta, essa *assembleia* derradeira deixa emergir o nível de força de cada um dos lados confrontados. Deixa emergir o grito que falava mais alto: aquele que ecoava da boca do grupo que denominamos como *clássico*. Talvez porque cômicos de uma desvantagem posta, a qual os impossibilitaria de ditar a *forma* da *ocupação* que se pretendia realizar desde o mês de julho, um grupo composto por cerca de vinte e cinco integrantes do MAD antecipou-se à *ocupação Maria Clemilda e Manuel Gutierrez*, e na tarde de uma quarta-feira (24 de agosto de 2011) declarou ocupada a reitoria. Mesmo recebendo apoio posterior na noite de sexta-feira (26 de agosto de 2011), quando mais de cem alunos (após realizarem *assembleia* no Teatro do DCE) decidiram se juntar àquela *ocupação* [12] inesperada e anônima, os estudantes do MAD deixaram o prédio após, contra eles, um mandado de reintegração de posse ter sido impetrado em nome de um de seus integrantes.

Essa primeira *ocupação*, que não obteve a mesma adesão, duração e visibilidade que a segunda, serviu, contudo, podemos sugerir, para colocar em evidência um grupo que é sempre sufocado nas disputas que o movimento estudantil faz na construção de sua identidade [aquela disputa identitária que nos informa Melucci (2001)]. Grupo esse que é sempre sufocado não só porque minoritário, mas também porque o projeto que empreendem de afirmação das novas *formas* (as quais querem agregar ao repertório das práticas do movimento estudantil) conduz à negação das velhas fórmulas institucionais que ainda revestem a política; e essa negação produz o efeito nefasto de *descapitalizar* esses grupos – já que, ao negarem antigas práticas, se privam do capital que o relacionamento com entidades e experiências tradicionais podem gerar. Capital este que poderia lhes ser útil na contenda por reformular a identidade do movimento estudantil.

Contudo, mesmo possuindo menos força dentro do campo constitutivo do movimento estudantil da UFF, os integrantes do MAD, diante da visibilidade que adquiriram pela promoção de uma primeira *ocupação*, cumpriram papel primordial naquela segunda *ocupação* e contribuíram para manter a *horizontalidade* como princípio organizativo daquele espaço. *Horizontalidade* esta que – mesmo presente em muitos dos *coletivos* integrantes do grupo opositor ao MAD, o qual denominamos de *clássico*, precisava ser reforçada, diante dos muitos ímpetos para suprimi-la. Diante das muitas tentativas levadas a cabo por parte das diretorias das instituições estudantis clássicas de impor deliberações para todo o conjunto de estudantes sem a realização de discussões e plebiscitos.

Por fim, podemos ainda pontuar a importância desse conjunto diferenciado no interior do *movimento* encarando-os como possuidores de uma capacidade de alargar o que se concebe e se legitima como ação e escopo da política. Já que se Roberto Salles, (cedendo a pressão feita pelos integrantes do MAD e seus adeptos) na reitoria, aparecesse (ali onde estava presente o movimento estudantil) para negociar com o conjunto inteiro dos estudantes, legitimaria com seu ato uma nova forma de se negociar politicamente: qual seja, aquela em que um sujeito que pessoaliza e encarna (como efeito do mecanismo democrático da representação) toda uma

instituição e um *status quo*, enfrenta os rostos, um a um, da multidão e com esta tem que estabelecer um diálogo.

6. Assertivas finais ou apesar de você...

O pequeno estudo apresentado é animado pela pretensão de oferecer uma imagem do movimento estudantil que o revele enquanto organismo múltiplo, heterogêneo, conflituoso e tensional, colocando-o em evidência por meio das disputas que estabelece na constituição de sua identidade e ações e por meio das relações que estabelece (ou não) com outros atores políticos. Essa pretensão surgiu devido aos trabalhos que se fazem ainda hoje [sob os quais nos informa Sposito (2009)], os quais enxergam o movimento estudantil não somente como um organismo indiferenciado, mas também que o tomam como uma entidade única, como por exemplo a UNE. Neste sentido, buscamos aqui, contribuir para a desconstrução do imaginário e da literatura que tratam o movimento estudantil dessa forma, a qual não permite ver – pela estreiteza dos atores que enfatizam – as transformações pelas quais o movimento passa nas últimas décadas. Que não permite ver o *processo de ampliação de identidade* que está em curso no movimento, acerca do qual nos informa o estudo de Mesquita (2001) – um dos poucos autores com que compartilhamos essa necessidade de alargar a abordagem de nosso objeto.

Além dessa pretensão mais propriamente teórica, a análise da *ocupação* da reitoria da UFF também pode servir para se pensar as possíveis consequências que esse processo de *ampliação da identidade* em curso pode trazer ao movimento estudantil. Acreditamos que essa *ampliação da identidade* (que para se constituir enquanto fato precisa que, entre outras coisas, tantos outros trabalhos sobre ela discorram) pode operar como mecanismo de atração de uma parcela maior dos estudantes, restituindo ao movimento, assim, a legitimidade e importância de outros tempos. Uma vez que o movimento estudantil aparecerá como um organismo que comporta diferentes atores, significados, concepções, práticas e objetivos políticos poderá atrair para o seu interior aqueles estudantes que não se sentem representados por um movimento que aparentemente possui só uma faceta e um *modus operandi*. Além desse efeito que remete ao fortalecimento do movimento, essa *ampliação* pode resultar também na fundação de novas formas legítimas de ação política, contribuindo dessa maneira, para um alargamento do campo em questão.

Contudo, esse processo de expansão e fortalecimento vislumbrado só pode se concretizar se os distintos atores forem capazes de superar a tensão interna e inerente ao movimento (a qual, aparece, sob nossos olhos, remetida mais à *forma do fazer político* do que aos *conteúdos* desse *fazer*), impedindo que os conflitos desemboquem em uma *ampliação*, não mais da *identidade* do grupo, mas na sua *fragmentação*, com uma consequente desmobilização. Essa possível consequência é sempre uma questão enfrentada pelos estudantes em ação e que pode ser vislumbrada na prática do episódio aqui narrado – do qual só participou cerca de 3% dos discentes matriculados na Universidade Federal Fluminense. Não terminemos, porém, com essa assertiva negativa. A *ocupação* pode ser vista como resultado de uma articulação entre os diferentes atores e práticas que constituem o movimento estudantil. Como uma articulação que

conseguiu unificar a identidade daquele movimento, sem necessariamente, suprimir as diferenças.

Da belíssima canção de Chico Buarque, *Apesar de Você* [13], os estudantes se apropriaram (atribuindo título homônimo a uma de suas festas *pró-ocupação*; fazendo dela trilha sonora de um dos seus vídeos relatos; e estampando-a em adesivos que traziam à lapela) para transmitir a ideia de que, apesar do reitor, os objetivos do movimento poderiam ser alcançados. Plagiando-os, então, nesse artifício de esperança, e permitindo-nos aqui certo diálogo com pensamentos concebidos por plataformas extra científicas como a arte musical e literária brasileira, afirmarmos que, apesar das diferenças e das disputas internas, um movimento estudantil é não só possível, quanto é, tão mais, combativo. Afinal, *apesar de*, se deve viver! – como nos escrevia e nos espantava Clarice Lispector [14].

NOTAS

* Aluna do 6º período do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ellenfernanda.araujo@gmail.com

[1] Blog #ocupauuff. In: <http://ocupauuff.wordpress.com/> [Acessado em 28/11/2011]

[2] Há vários vídeos disponíveis no canal Youtube (youtube.com) que podem ser facilmente encontrados pela hashtag #ocupauuff. Abaixo listo dois dos que considero mais importantes e que foram acessados pela última vez no dia 06/11/2012:

“Vídeo Relato – Ocupação Reitoria UFF Maria Cremilda & Manuel Gutiérrez”. In <http://www.youtube.com/watch?v=eqD8_CxxT2g&playnext=1&list=PL764D55FC2136B332&feature=results_video>

“Estudantes ocupam reitoria da UFF”. In <<http://www.youtube.com/watch?v=MfkygMCEAs8&feature=related>>

[3] A Universidade Federal Fluminense possui diversos campi distribuídos em bairros contíguos da cidade de Niterói e também em municípios do interior do estado do Rio de Janeiro. O Instituto de Geociência, do campus da Praia Vermelha, fica localizado no bairro de São Domingos que é contíguo ao bairro de Icaraí onde está situado o prédio da reitoria. Ligando os dois bairros, há um calçadão de onde é possível vislumbrar a Baía de Guanabara, a cidade do Rio de Janeiro e o Cristo Redentor.

[4] Não há dados oficiais que apontam para o número exato de pessoas que estavam no momento inicial da ocupação, ou que estiveram no prédio da reitoria durante os seis dias em que foi realizada. Esse quantitativo citado aqui, e os demais que aparecerão ao longo do texto, são apontados pelos próprios estudantes nos comunicados de seu blog e em depoimentos.

[5] Roberto Salles é reitor da Universidade Federal Fluminense, cargo que ocupa desde o ano de 2009.

[6] O Conselho Universitário – CUV – é uma instância deliberativa comum às universidades públicas que reúne representantes de todas as categorias acadêmicas, além de membros da comunidade.

[7] O nome é uma referência e uma homenagem a dois estudantes mortos semanas antes da ocupação. Maria Clemilda era estudante do campus interiorano da UFF da cidade de Rio das Ostras e foi atropelada em frente ao polo universitário, em uma região que não possui sinalização de trânsito. Manuel Gutierrez era um jovem chileno de 16 anos que foi assassinado durante as manifestações pela educação pública que ocorriam naquele país.

[8] Expressões que A. Melucci e outros autores utilizam, de forma imprecisa e indecisa, para se referir à sociedade contemporânea.

[9] Programa empreendido pelo governo federal que visa à expansão das universidades públicas.

[10] Apesar de um plebiscito realizado no ano de 2010 ter explicitado a posição da maioria acadêmica como contrária aos cursos de pós-graduação pagos, até aquele momento – agosto de 2011 – a reitora não havia tomado nenhuma providência para acabar com esses tipos de curso.

[11] Faz-se necessária essa arbitrariedade já que o grupo era heterogêneo, sendo composto por diversos subgrupos.

[12] A ocupação mencionada merece, pelas especificidades que contém, uma análise detida e separada, a qual não será feita aqui pelos limites que as dimensões desse trabalho nos impõe.

[13] Canção composta e gravada no ano de 1970 e que foi proibida de ser tocada nas rádios brasileiras pelo general Emílio Garrastazu Médici devido ao seu teor implicitamente contestatório ao regime militar vigente à época no país.

[14] Ideia desenvolvida no livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, escrito em 1969, que narra a história do encontro e da aproximação entre os personagens Lóri e Ulisses, o qual divaga: “Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso.” (2008:26)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: _____ (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, * Aluna do 6º período do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ellenfernanda.araujo@gmail.com

[1] Blog #ocupauuff. In: <http://ocupauuff.wordpress.com/> [Acessado em 28/11/2011]

[2] Há vários vídeos disponíveis no canal Youtube (youtube.com) que podem ser facilmente encontrados pela hashtag #ocupauuff. Abaixo listo dois dos que considero mais importantes e que foram acessados pela última vez no dia 06/11/2012:

“Vídeo Relato – Ocupação Reitoria UFF Maria Cremilda & Manuel Gutiérrez”. In <http://www.youtube.com/watch?v=eqD8_CxxT2g&playnext=1&list=PL764D55FC2136B332&feature=results_video>

“Estudantes ocupam reitoria da UFF”. In <<http://www.youtube.com/watch?v=MfkygMCEAs8&feature=related>>

[3] A Universidade Federal Fluminense possui diversos campi distribuídos em bairros contíguos da cidade de Niterói e também em municípios do interior do estado do Rio de Janeiro. O Instituto de Geociência, do campus da Praia Vermelha, fica localizado no bairro de São Domingos que é contíguo ao bairro de Icaraí onde está situado o prédio da reitoria. Ligando os dois bairros, há um calçadão de onde é possível vislumbrar a Baía de Guanabara, a cidade do Rio de Janeiro e o Cristo Redentor.

[4] Não há dados oficiais que apontam para o número exato de pessoas que estavam no momento inicial da ocupação, ou que estiveram no prédio da reitoria durante os seis dias em que foi realizada. Esse quantitativo citado aqui, e os demais que aparecerão ao longo do texto, são apontados pelos próprios estudantes nos comunicados de seu blog e em depoimentos.

[5] Roberto Salles é reitor da Universidade Federal Fluminense, cargo que ocupa desde o ano de 2009.

[6] O Conselho Universitário – CUV – é uma instância deliberativa comum às universidades públicas que reúne representantes de todas as categorias acadêmicas, além de membros da comunidade.

[7] O nome é uma referência e uma homenagem a dois estudantes mortos semanas antes da ocupação. Maria Clemilda era estudante do campus interiorano da UFF da cidade de Rio das Ostras e foi atropelada em frente ao polo universitário, em uma região que não possui sinalização de trânsito. Manuel Gutierrez era um jovem chileno de 16 anos que foi assassinado durante as manifestações pela educação pública que ocorriam naquele país.

¹⁸⁾Expressões que A. Melucci e outros autores utilizam, de forma imprecisa e indecisa, para se referir à sociedade contemporânea.

[9] Programa empreendido pelo governo federal que visa à expansão das universidades públicas.

[10] Apesar de um plebiscito realizado no ano de 2010 ter explicitado a posição da maioria acadêmica como contrária aos cursos de pós-graduação pagos, até aquele momento – agosto de 2011 – a reitora não havia tomado nenhuma providência para acabar com esses tipos de curso.

[11] Faz-se necessária essa arbitrariedade já que o grupo era heterogêneo, sendo composto por diversos subgrupos.

[12] A ocupação mencionada merece, pelas especificidades que contém, uma análise detida e separada, a qual não será feita aqui pelos limites que as dimensões desse trabalho nos impõe.

[13] Canção composta e gravada no ano de 1970 e que foi proibida de ser tocada nas rádios brasileiras pelo general Emílio Garrastazu Médici devido ao seu teor implicitamente contestatório ao regime militar vigente à época no país.

[14] Ideia desenvolvida no livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, escrito em 1969, que narra a história do encontro e da aproximação entre os personagens Lóri e Ulisses, o qual divaga: “Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso.” (2008:26)

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. *O cultural e o político nos 2000*. p. 15-57.

FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 2 ed.

LINS, Simoa B. Movimento Estudantil e novas formas de atuação política: a relação com partidos políticos na Era Lula. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 26 a 19 de julho de 2011, Curitiba - PR.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas.**/ Alberto Melucci; tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MESQUITA, Marcos R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, p 117-149, outubro, 2003.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais na América Latina-caminhos para uma política emancipatória? In: **CADERNO CRH**, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008.

SPOSITO, Marília, P. Estudos sobre jovens na interface com a política. In: **Estado da Arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (1999-2006), volume 2/Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

Matérias jornalísticas, vídeos, notas oficiais da Universidade e páginas na internet

Comunicado da Progepe. In: <http://www.noticias.uff.br/noticias/2011/09/progepe-comunicado.php> [Acessado em 28/11/2011]

CUV irá avaliar impactos dos projetos da via orla. In: <http://jornal.ofluminense.com.br/editorias/cidades/conselho-universitario-da-uff-ira-avaliar-impactos-do-projeto-orla> [Acessado em 28/11/2011]

MEC cede áreas para a construção da via orla. In: <http://jornal.ofluminense.com.br/editorias/cidades/mec-cede-areas-para-construcao-da-orla> [Acessado em 28/11/2011]

Nota oficial da UFF. <http://www.noticias.uff.br/noticias/2011/08/nota-oficial-2011-08-31.php> [Acessado em 28/11/2011]

Nota oficial da UFF. In: <http://www.noticias.uff.br/noticias/2011/09/nota-oficial-2011-09-06.php> [Acessado em 28/11/2011]

Pauta dos itens acordados com o reitor. In: <http://www.noticias.uff.br/noticias/2011/09/pauta-itens-acordados-reitor.php> [Acessado em 28/11/2011]

Reitoria da UFF ocupada. In: <http://dcelivreuff.wordpress.com/2011/08/31/reitoria-da-uff-ocupada/> [Acessado em 28/11/2011]

Resposta pública às invasões da reitoria. In: <http://www.noticias.uff.br/noticias/2011/09/resposta-publica-invasoes-reitoria.php> [Acessado em 28/11/2011]

UFF em Números. In: <http://www.uff.br/uffon/arquivos/uff/uff-em-numeros.php>. [Acessado em 28/11/2011]

UFF faz acordo para construção da Via Orla e da Via 100. In: <http://jornal.ofluminense.com.br/editorias/cidades/uff-faz-acordo-para-100-e-orla> [Acessado em 28/11/2011]